

Brasileiro é bom de alcunha. Getúlio foi o "pai dos pobres", Lacerda, "o corvo", suas seguidoras fanáticas, "as mal-amadas", os pesse-distas matreiros, "as raposas". Leonel Brizola acertou em cheio quando criou a imagem do "gato angorá" para um adversário e, agora, o ministro Pedro Malan não ficou atrás quando cunhou o apelido de "coveiros do real". É o apodo definitivo para os que procuram enterrar antecipadamente um plano de estabilização que vai bem-obrigado.

Malan sabe perfeitamente que o coro dos "coveiros" entrou em ação antes mesmo da introdução do plano, atravessou a campanha presidencial com seus estandartes fúnebres, anunciando a morte da moeda para o dia seguinte às eleições, vibrou com a crise mexicana, aplaudiu o ataque especulativo contra o real em março, viu no estabelecimento de bandas de flutuação mais ampla do real sinais de agonia, regozijou-se sem disfarçar com os déficits da balança comercial.

Curiosamente, a inflação de abril está abaixo do que previam os analistas, economistas e pessimistas. A média dos índices da Fipe, IGP-M e IPC-r, os mais utilizados pelo mercado, aponta para uma inflação acumulada de 6% para o primeiro quadrimestre de 1995, "a mais baixa de um primeiro quadrimestre nos últimos 25 anos", diz o ministro da Fazenda.

Não é tudo: inexistem sinais de saques da poupança, as bolsas estão em franca alta, as reformas e as privatizações estão avançando, a desestatização do setor siderúrgico é um sucesso e o regime é plenamente democrático. Mas os "coveiros" não querem saber nada disso. Não há dia em que não deitem falação sobre a morte e a morte do real, sempre apoiados em diagnósticos re-

cheados de números e vazado em linguagem pedante.

O povo adora o real, quem não gosta do real são os "coveiros". A origem e motivação dessas aves agourentas são bem variadas: são os *contras* que só podem crescer na crise, os nostálgicos sócios da inflação, o tubaronato dos oligopólios, os assessores e conselheiros financeiros com seus cachês em baixa devido ao sucesso alheio, alguns antigos cruzados, ex-ministros e tecnocratas que passaram sem brilho pelo governo, cujas respectivas reputações ficariam abaladas se o real não desse errado. Todos eles ansiosos por segurar as alças do caixão.

Os "coveiros" têm seus fiéis na imprensa, editores e comentaristas que costumam travestir simples dúvidas em vaticínios apocalípticos e transformar receitas de medicamentos corretivos em atestados de óbito. Trabalham intensamente na fracassomania, no derrotismo, na torcida contra.

O entrevistado diz que a subida das alíquotas da importação de automóveis e outros cem produtos é um retrocesso na tendência da abertura da economia. A frase serve para decretar falecimento do real. Uma defesa temporária contra o nervoso *smart money*, em pânico com a crise mexicana e com o estouro do Barings, é interpretada como a volta do protecionismo e da cartelização que produzirão inevitavelmente a desejada inflação.

O ministro Malan diz que a equipe econômica mostrará na prática que os "coveiros" estão equivocados e que o real terá vida longa, como deseja a esmagadora maioria da população. É que a esmagadora maioria da população definitivamente não é feita de "coveiros do real".

JORNAL DO BRASIL